

COISAS QUE OS METODISTAS DIZIAM NA DÉCADA DE 1920*

ELIAS BOAVENTURA

In memoriam

O *Expositor Cristão*, órgão oficial da Igreja Metodista, os Anuários das Conferências e a literatura metodista por nós pesquisados de modo geral muito raramente abrem espaço para análises de questões de natureza política e econômica que estejam relacionadas com o poder do Estado e com o temporal.

Assim, torna-se difícil detectar, por exemplo na década de 1920, que estamos pesquisando, qual a exata posição da Igreja Metodista brasileira como estrutura acerca da Revolução Socialista de 1917, das implicações e consequências da Primeira Guerra Mundial e da agenda interna brasileira de notáveis fenômenos, como o surgimento do Partido Comunista, Semana de Arte Moderna, Tenentismo, Coluna Prestes e outros.

Os temas metodistas relacionavam-se mais com problemas relativos às mulheres, ao movimento leigo, autonomia da Igreja, combate ao “romanismo”, educação, “nacionalismo” e família, a partir de referencial teológico.

Apesar destas observações, há pronunciamentos e tomada de decisões, que permitem detectar tendências em relação aos rumos da política nacional e também internacional, da Igreja Metodista. Se tomarmos em consideração que editoriais de outros órgãos de imprensa e conferências dos intelectuais metodistas publicados como editoriais ou aprovados pela diretoria dos órgãos oficiais representavam o pensamento da Igreja na época, ou dele muito se aproximavam, as coisas ficam mais claras.

Que pensavam os metodistas acerca do bolchevismo, da situação política nacional e do compromisso social dos metodistas naquela década?

BOLCHEVISMO

Aparentemente, não se trata de tema agendado com prioridade pelos metodistas e protestantes de modo geral, mas, nos raros momentos em que o assunto surge, a posição parece-me bastante clara. Examinemos um texto da época adotado e publicado pelo *Expositor Cristão*.

O bolchevismo não é planta exótica mas nasce do solo onde se tem feito a sementeira durante séculos de opressão e falta de consideração por parte da burguesia e dos maus governos.

* Artigo originalmente publicado na edição n. 1.1 de 1994. Optamos por manter o texto como no original.

[...]

O mundo está se dividindo rapidamente em dois campos inimigos. Dum lado os operários [...] e os capitalistas doutro.

[...]

O bolchevismo está se manifestando na falta de vontade de trabalhar. Em toda a parte parece que houve uma combinação entre os trabalhadores para não fazerem nada e exigirem o máximo salário. (*Expositor Cristão* 23/02/1921, p. 3).

Se recordarmos que o texto é da década de 1920, que nesta época a Igreja Metodista encontrava-se dolarizada e dependente dos Estados Unidos e que ainda se vivia no Brasil sob controle do poder oligárquico, sua relevância em um órgão oficial é extremamente significativa:

- nele se pode perceber que os metodistas já entendiam que o bolchevismo não era exótico, mas resultado natural de uma situação de opressão;
- que esta opressão encontrava-se ligada à luta de classes e à corrupção do poder do Estado;
- que, nesta luta dos “capitalistas” contra os “operários”, já ocorria a organização e resistência da classe trabalhadora em uma espécie de boicote planejado em escala mundial.

Nesse mesmo ano, também no *Expositor Cristão*, publicou-se matéria bastante clara contra a situação que se vivia internamente no Brasil, não deixando dúvida acerca do posicionamento do pensamento oficial.

A SITUAÇÃO POLÍTICA NACIONAL

O regime político é uma estratificação de escravizações e “congerir” de subserviências, é uma progressão de defecções, é uma superposição de dedignações, é um colossal monolito de degradações.

[...]

O regime olygarchico que nos asphixia consiste de um presidente nomeado pelo seu antecessor e setenta e quatro congressistas lacaios do governo e duzentos directórios completamente subservientes do executivo.

[...]

Todo cidadão que fecha os olhos a corrupção e a tolera é um dos culpados dessa mesma corrupção. (*Expositor Cristão*, 26/01/1923).

No primeiro parágrafo, denso e complexo, o que ressalta é a humilhação da população, ou, como hoje se gosta de dizer nas academias, seria a denúncia de negação da cidadania. A população encontrava-se submetida a “escravizações” estratificadas, “dedignações” inaceitáveis e “gradações” que a minavam e a faziam-na subserviente.

No segundo momento, nomeia-se rapidamente a oligarquia como a grande responsável pela situação porque é antidemocrática e sustenta um presidente nomeado, um congresso de lacaios e partidos políticos subservientes. É uma clara denúncia do coronelismo, com seus alienantes currais eleitorais, cuja ação política representava um massacre contra o povo.

Diante desta situação, que atitude deveriam tomar os metodistas? A resposta parece-nos clara em alguns textos publicados pelo mesmo semanário. Já, no texto, o autor considera que a omissão individual à situação de apodrecimento político anunciada torna o omissor um cúmplice.

POSTURA METODISTA SOBRE OS PROBLEMAS SOCIAIS

O pronunciamento oficial feito pelo bispo metodista J. M. Moore sintetiza bem a preocupação da Igreja no período. Diz ele:

A pobreza deve ser encarada como um pecado social.
Não nos assiste o direito de pregarmos uma religião que coloca o céu fora deste mundo para os raios do além, na incomensurável região do azul.
[...]
Preguemos com calor e fé o Éden Celestial, aqui na terra.
[...]
Os problemas econômicos não serão resolvidos pelos políticos nem pelos cientistas, mas pelo espírito orientador que revelar o cristianismo. (*Expositor Cristão*, 12/08/1923).

Como se pode ver, entendia o bispo Moore que o céu, plena realização da pessoa humana, deveria ser buscado aqui na terra, com calor e fé. Negava o Bispo a possibilidade de a ciência e o poder político resolverem os problemas econômicos sem as coordenadas da fé cristã compromissada.

Não se trata, parece-nos, de descuido ou mera retórica episcopal. Neste mesmo pronunciamento, o Bispo é enfático ao afirmar: “o metodismo agita a sociedade e vai conquistando a simpatia dos homens públicos. É a seiva dos novos valores que vai permeando as classes sociais” (*Expositor Cristão*, 12/08/1923).

Palavras e expressões como “agita a sociedade”, “seiva de novos valores” e “classes sociais”, presentes no texto, dão indicação clara de uma postura de engajamento no temporal, no compromisso com a transformação do aqui, onde o inferno, permanência de situações estruturais opressivas, cede lugar ao Éden Celestial, novo mundo habitado por um homem novo, cidadão por direito e súdito do Reino por opção.

DADOS DO AUTOR:

ELIAS BOAVENTURA

Foi docente do programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba

Publicado originalmente na edição Vol. 1.1 de 1994